

a América Latina



O novo Delfim Neto: graduação e mestrado em Portugal, doutorado em Paris e preocupações com temas que afetam diretamente a economia brasileira

Surge a geração dos 'formuladores'

Renata Batista
Do Rio

O dilema entre monetaristas e desenvolvimentistas acabou. A nova geração de economistas brasileiros é capaz de transformar quase tudo em fórmulas, da política monetária à reforma agrária. Com idades que podem variar entre 30 e 45 anos — não é o ano de nascimento que conta, mas o do fim do doutorado no exterior —, eles estão pouco preocupados com os riscos da hiperinflação. Buscam fórmulas que permitam adaptar os modelos de política monetária americana às infinitas variáveis brasileiras. Querem determinar — sempre por meio de equações e sistemas — como a regulação econômica influi na redução das desigualdades sociais.

Eles não são capazes de ignorar a linguagem, como ocorreu nos três dias de seminários na Conferência dos Economistas da América Latina e Caribe na semana passada. Mas não perdem o vínculo com os problemas da terra. Com passagens pelas melhores escolas do Brasil e doutorado em universidades ame-

ricanas, a nova geração está preocupada com o social, com o desenvolvimento microeconômico.

Delfim Gomes Neto, que apesar do nome é membro incontestado da nova geração, é um exemplo. Prestes a terminar o doutorado em Paris e mesmo tendo feito a graduação e o mestrado em Portugal, está preocupado com temas que afetam diretamente a economia brasileira, como movimentos de capitais, liberalismo econômico etc. Para quem se pergunta sobre o grau de parentesco com o ex-ministro, o economista não faz rodeios: "Nenhum". Nem na linha de pensamento. Enquanto o ex-ministro abusava das maxidesvalorizações, o novo Delfim se preocupa com a taxa de câmbio real.

Da nova geração, o diretor de política monetária do Banco Central, Ilan Goldfajn, foi o primeiro a despontar para os holofotes do governo, mas não é o único. Na PUC-Rio, na Escola de Pós-Graduação em Economia FGV e na USP estão as novas cabeças do pensamento econômico dominante no momento. "São escolas que seguem a corrente neoclássica dominante, que partem do comportamento individual para estudar o macroeconô-

mico", explica o economista da FGV Fernando Holanda Barbosa. Membro da velha guarda, Barbosa reconhece que a inflação — sua principal área de estudo — deixou de ser um tema prioritário.

Da USP saem Naércio Menezes, Fábio Kanczuk e Samuel Pessoa. Na FGV, estão Marco Antonio Bonomo, Pedro Cavalcanti Ferreira, Marcos Lisboa e Maria Cristina Terra. A UNB tem Maurício Bugarin. E a PUC, Márcio Garcia, Francisco Ferreira, Humberto Moreira e, a partir de julho do próximo ano, Eduardo Loyo, economista que leciona em Harvard e cujo nome chegou a ser considerado para a diretoria de política monetária do BC, ocupada por Goldfajn.

A idéia de ingressar nos quadros do governo já não desperta tanto o interesse desses novos economistas, que encontram espaço nas organizações não-governamentais e em organismos multilaterais, como Bird e FMI para desenvolver suas políticas.

O FMI, por exemplo, aproveitou o evento para recrutar jovens talentos do Brasil e da América Latina. De acordo com Isabelle Alexandre, da área de recursos humanos do Fundo, pelos menos

sete pessoas foram entrevistadas nos três dias de conferência. Ele explicou, porém, que o processo seletivo continuará.

Eduardo Loyo lembra que para um macroeconomista a oportunidade de colocar a teoria em prática é muito importante, mas reconhece que a decisão de ir para o governo nem sempre é fácil, principalmente em função do aspecto financeiro, já que a iniciativa privada, mesmo no meio acadêmico, paga muito mais.

Quase todos, porém, eventualmente prestam consultoria para o governo. Pedro Cavalcanti Ferreira (FGV), por exemplo, está iniciando um trabalho sobre produtividade para o ministério da Fazenda, Humberto Moreira já prestou consultoria para a Aneel e agora está realizando um trabalho sobre reforma agrária, em conjunto com o Ipea, com o apoio do Banco Mundial.

É de Moreira, aliás, a melhor explicação para a ausência de clássicos do pensamento econômico nos trabalhos da nova geração: "Me proponho a fazer pesquisa e esse é um mercado muito competitivo. Não dá para ficar olhando para trás".